



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	Introdução (editorial) da <i>Ideologia Alemã – Para a crítica da filosofia</i>
Autor/a	Gerald Hubmann e Ulrich Pagel
Tradutor/a	<i>Olavo Antunes de Aguiar Ximenes</i>
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v.2 n.2, Dossiê Marx & Simmel, 2º semestre de 2018, pp. 334-360
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/3803

Formato de citação sugerido:

HUBMANN, Gerald; PAGEL, Ulrich “Introdução (editorial) da *Ideologia Alemã – Para a crítica da filosofia*”. Trad. Olavo Ximenes *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v.2 n.2, 2º semestre de 2018, pp. 334-360.

INTRODUÇÃO (EDITORIAL) DA *IDEOLOGIA ALEMÃ – PARA A CRÍTICA DA FILOSOFIA*

Gerald Hubmann e Ulrich Pagel

*Tradução de Olavo Antunes de Aguiar Ximenes**

Revisão de Lutti Mira

Apoio técnico de Anisha Vetter

A “Ideologia alemã” ocupa uma posição significativa dentro da recepção do pensamento de Marx. De acordo com a concepção tradicional, foi nessa obra – especialmente no debate com Ludwig Feuerbach – que Marx e Engels formularam o materialismo histórico e, assim, ao mesmo tempo os fundamentos filosóficos do marxismo.

No entanto, isso contrasta com o papel atribuído pelos autores à “Ideologia alemã”, que permaneceu sem ser publicada após sua redação: Marx em 1859 falou de alcançar uma bem-sucedida “autocompreensão” (*Selbstverständigung*) como seu “objetivo principal”, por esta razão ele abandonou “o manuscrito à crítica roedora dos ratos”, e Engels também não fez nenhuma outra tentativa de publicação.

* Olavo Antunes de Aguiar Ximenes é mestre em filosofia pela Unicamp. Contato: oaa-ximenes@gmail.com.

Disso resulta que a “Ideologia alemã” foi publicada apenas postumamente e que desde a década de 1930 diferentes edições do texto estiveram em circulação – apenas para o capítulo “I. Feuerbach” há quase uma dúzia de versões. Essas diferenças entre as edições resultam do fato de que não existe uma obra finalizada chamada “A ideologia alemã”. O que é transmitido não é tampouco um dossiê coeso de documentos, mas somente manuscritos fragmentários e já em larga medida destruídos – por ratos, dentre outras coisas – durante o tempo de vida dos autores. Por meio de compilações de texto dos então editores, esses manuscritos foram reunidos como uma obra chamada *A ideologia alemã*, embora este título não esteja presente nos manuscritos. Neste processo um sentido especial teve a constituição de um capítulo “I. Feuerbach” a partir de seis manuscritos separados, que vários editores reuniram com a intenção de reconstruir como Marx e Engels expuseram o fundamento do “materialismo histórico”; também o conceito de “materialismo histórico” não aparece nos manuscritos da “Ideologia alemã”.

Desde 2017 todos os dezessete manuscritos e dois textos impressos relacionados à “Ideologia alemã” estão disponíveis na edição histórico-crítica como parte da *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA, a edição definitiva de suas obras completas). Além de apresentar o texto em sua forma autêntica – incluindo em torno de 500 páginas de variantes textuais – a edição também oferece uma revisão abrangente das complexas conexões intertextuais e as histórias de surgimento e de preservação dos manuscritos. Com isso, novas perspectivas sobre a fase de surgimento da concepção materialista de história se tornam possíveis.

Assim, por exemplo, ficou evidente que Marx e Engels escreveram os manuscritos da “Ideologia alemã” não no contexto de um projeto de livro, mas antes como parte de um projeto de revista, no qual outros autores também participaram (Moses Hess, Georg Weerth, Wilhelm Weitling, dentre outros). Também a intenção de Marx e Engels não era, a princípio, a elaboração sistemática de sua própria posição teórica, mas, ao contrário, um debate com os jovens hegelianos e os socialistas contemporâneos – no centro da crítica não estava Feuerbach (como se pressupôs geralmente), mas Max Stirner. Após finalmente fracassar o plano de uma revista trimestral, Marx e Engels continuaram até 1847 a tentar, sem sucesso, publicar seus textos em edições separadas compostas de um ou de dois volumes.

A presente seleção oferece textos centrais e variantes textuais exemplares (marcadas em vermelho) dos manuscritos da “Ideologia alemã”. Ela se baseia na já mencionada edição MEGA, contudo oferece os manuscritos numa ordem diferente: a ordem cronológica dos fragmentos e dos textos presentes aqui, de acordo com seu momento de redação, torna possível rastrear imediatamente a gênese de importantes pensamentos, conceitos e posições de Marx e Engels. Muito embora esta perspectiva não corresponda à forma pela qual os textos da “Ideologia alemã” teriam sido publicados pelos autores, no que diz respeito à história das ideias, essa perspectiva cronológica tem o atrativo de tornar visível o processo pelo qual Marx e Engels formaram suas posições – esta é a razão pela qual uma apresentação deste tipo foi pedida repetidamente por pesquisadores nos anos recentes.

Fases de composição da “Ideologia alemã”

A publicação da “Ideologia alemã” foi planejada de diferentes formas. No período de quase dois anos entre o começo do trabalho nos manuscritos em outubro de 1845 e o fim de qualquer esperança de sua publicação em setembro de 1847, três planos sucessivos podem ser distinguidos: um artigo único destinado a uma publicação já existente, uma série abrangente de artigos para os dois primeiros volumes de uma revista trimestral a ser em breve fundada por Marx e Engels, e finalmente, após o fracasso do projeto de revista, um ou dois volumes de coletânea dos textos.

A presente seleção reúne manuscritos desses três contextos de publicação. O estrato mais básico do primeiro texto (p. 3-36), escrito na coluna da esquerda, deve seu surgimento à intenção de Marx e Engels de reagir com um texto próprio ao artigo recente “As características de Ludwig Feuerbach” (*Charakteristik Ludwig Feuerbachs*) escrito por Bruno Bauer, que não só continuou seus ataques a Ludwig Feuerbach, mas, pela primeira vez, também respondeu explicitamente às críticas de Marx e Engels dirigidas a ele no livro *A sagrada família*. Foi provavelmente durante o trabalho neste texto que lhes chegou a notícia, em 20 de novembro de 1845, de que dois empresários westfalianos simpatizantes do socialismo se ofereceram para financiar uma revista trimestral a ser editada por Marx e Engels conjuntamente com Moses Hess. Na sequência, Marx e Engels elaboraram o plano de usar o jornal para continuar o debate público com Bauer, iniciado no verão de 1844, e continuar o debate com Max Stirner que eles planejaram repetidamente desde o surgimento

de *O único e sua propriedade* (*Der Einzige und sein Eigentum*) em outubro de 1844. Antes de tudo, foi este último debate que se tornou importante para o desenvolvimento do projeto da “Ideologia alemã”, já que a crítica a Stirner ganhou uma dinâmica própria, que levou Marx e Engels a elaborarem sua própria concepção e à decisão de criticar Feuerbach num capítulo separado. A maioria dos textos nesta seleção vêm deste contexto de redação (p. 37-137).

Em julho de 1846 – isto é, justamente no momento em que Marx e Engels estavam ocupados escrevendo o capítulo “I. Feuerbach”, no qual eles pretendiam não só criticar Feuerbach, mas também oferecer uma apresentação abrangente de sua própria concepção materialista de história – os dois empresários westfalianos recuaram de seu comprometimento de financiar a revista. Marx e Engels estavam deste modo confrontados com a seguinte situação: eles tinham dois volumes da revista praticamente prontos para publicar (o primeiro deveria conter seus textos de crítica da filosofia, enquanto o segundo, a crítica de ambos do “socialismo verdadeiro” além de muitos outros textos, às vezes extensos, de outros autores), contudo, agora, faltava-lhes um editor. Eles passaram a planejar uma coleção em dois volumes, e foi neste contexto que o último texto da presente seleção foi produzido – o prefácio inacabado de Marx para o volume duplo da publicação de textos de Marx e Engels e de outros autores (p. 138). A partir de várias indicações pode-se inferir que por volta da passagem de 1846 a 1847, Marx e Engels estavam considerando uma publicação menor em volume único, provavelmente

somente com os textos escritos por eles mesmos para a revista trimestral.

A diferente natureza desses planos de publicação não é só importante para a reconstrução do contexto de redação. Suas diferenças também pesam na questão do título sob o qual os textos da “Ideologia alemã” deveriam aparecer em cada plano de publicação. Os manuscritos mesmos não oferecem nenhuma pista a este respeito; não se sabe qual era o título do artigo individual que estava em processo de redação quando o projeto se iniciou, nem se sabe o nome que a revista trimestral deveria ter, caso ela tivesse aparecido. É somente para a provável coleção em volume único, a qual Marx e Engels esperavam publicar em 1847, que se encontra um título proposto numa declaração publicada por Marx no começo de abril de 1847. Há de permanecer uma especulação se o título aqui mencionado – “A ideologia alemã’ (crítica dos filósofos alemães mais recentes na figura de seus representantes, Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus vários profetas)” – o qual, no século XX, se estabeleceu como o nome para o projeto inteiro, seria aplicável também para a coleção em dois volumes, que conteria não só textos de Marx e Engels, mas também de outros autores.

Os textos individuais

No começo da “Ideologia alemã” encontra-se um texto (p. 3-36) que foi marcado quase como nenhum outro pela dinâmica própria de desenvolvimento do projeto. Nenhum outro texto foi redigido por um período tão longo de tempo (outubro de 1845 a

julho de 1846), de maneira que no manuscrito subjacente encontram-se tanto formulações muito iniciais quanto elaborações tardias de suas posições. Deve-se a origem deste texto a motivos diferentes. Além do desejo de reagir à crítica elaborada por Bruno Bauer no artigo “*Charakteristik Ludwig Feuerbachs*” (“As características de Ludwig Feuerbach”), Marx e Engels também queriam usar seu artigo para apresentar ao público sua nova posição em relação a Feuerbach, que mudara desde o aparecimento de *A sagrada família*, e, com isso, documentar a distância agora mantida em relação a ele, como já testemunhavam as famosas teses ‘ad Feuerbach’ (p. 3-9 e 33-36), escritas em um caderno de notas na primavera de 1846. Como o texto revela, no decorrer da redação, o desejo de apresentar sua própria concepção de história moveu-se para o primeiro plano, uma vez que esse texto contém duas tentativas de expor de uma forma abrangente a concepção materialista de história, cujos primeiros elementos foram desenvolvidos por Marx na *Sagrada família* (p. 9-21 e 21-33).

Somente partes da versão original deste texto estão preservadas (das primeiras cinco folhas [*Bogen*], somente um fôlio [*Blatt*] foi preservado e ao fim da folha 11 o texto se interrompe no meio de uma sentença). Além disso, na versão final apresentada aqui faltam passagens que Marx e Engels moveram para o capítulo repensado sobre Bruno Bauer, após a decisão de escrever um capítulo separado dedicado a Feuerbach e, na sequência, apagaram as mencionadas passagens do manuscrito aqui apresentado. Na preparação do capítulo de Feuerbach, Marx numerou as páginas (*Seiten*) de 1 a 29, cujos textos seriam usados na

redação desse capítulo (Ms p. 3-7 não foram preservadas), e combinou-as num dossiê com dois outros textos (p. 37-43 e 60-111) que tinham sido destacados do capítulo de Stirner. Foi no período de elaboração do capítulo “I. Feuerbach” que possivelmente a maior parte das passagens mais extensas da coluna da direita do manuscrito foram escritas. O capítulo “I. Feuerbach” iria ser redigido por inteiro a partir desses materiais prévios. Um dos pontos de interesse particular sobre este texto é que nele se combinam passagens escritas em diferentes contextos de redação: primeiro, uma versão definitiva de um artigo separado; depois, uma coleção de materiais para o capítulo ainda a ser escrito sobre Feuerbach. A seleção de variantes textuais apresentadas aqui (p. 139-142) torna possível seguir o longo processo de nove meses de refinamento de seus pontos de vista próprios acerca de posições particulares, como, por exemplo, a gênese do famoso comentário sobre as consequências da ordem social comunista para a divisão do trabalho (p. 17.24-18.51 e Var. 17.30 I e 17.41-18.51) ou a concepção do comunismo como conceito de um movimento (*Bewegungsbegriff*) (p. 18.20-29 r e Var.).

Com a perspectiva de uma revista trimestral própria, em meados de novembro de 1845 Marx e Engels mudam o foco de sua atenção do debate da crítica a Feuerbach elaborada por Bauer, que havia sido decisiva até então, para se ocuparem das posições de Max Stirner. Este último havia publicado já em outubro de 1844 uma obra com o título *O único e sua propriedade* (*Der Einzige und sein Eigentum*) que foi muito bem recebida dentro dos círculos dos jovens hegelianos. Nela Stirner defende

uma abordagem individualista radical, cujo objetivo era alargar as possibilidades da autonomia (*Selbstbestimmung*) individual contra a heteronomia (*Fremdbestimmung*) religiosa e – um novo elemento no debate contemporâneo – também filosófica. Para Marx e Engels, que leram imediatamente o livro, a abordagem de Stirner oferecia, por diferentes motivos, a ocasião para um debate crítico. De um lado, eles consideravam a abordagem de Stirner uma variante da concepção idealista de história, que se oferecia de um modo particular como um contorno contrastante à sua própria concepção materialista. De outro lado, Stirner criticou, a partir de seu ponto de vista, as abordagens socialistas correntes na época; em resposta a isso, Marx e Engels queriam mostrar que os argumentos de Stirner não tinham nenhuma relevância a partir da perspectiva comunista. Além disso, uma crítica a Stirner era apropriada uma vez que Feuerbach, de quem Marx e Engels também a olhos vistos e de forma crítica se afastavam, considerou dignas de resposta as críticas elaboradas por Stirner contra ele, em oposição às críticas formuladas por Bruno Bauer. Em outubro de 1845, finalmente, apareceu uma réplica de Stirner para as objeções críticas de Feuerbach, Hess e outros (“*Recensenten Stirners*” [“Resenhistas de Stirner”]), o que mostrava que Stirner não havia sido ainda efetivamente refutado.

O trabalho na crítica a Stirner (“III. São Max”), que Marx e Engels iniciaram no final de novembro ou no começo de dezembro de 1845, se estendeu até meados de abril de 1846. Com 472 páginas preservadas, o debate com Stirner feito nesta época se apresenta como o mais abrangente e o mais intenso debate do projeto da “Ideologia alemã”. O significado desse debate é ainda

maior quando se considera que foi neste contexto que decisões centrais foram tomadas em relação à arquitetura geral da “Ideologia alemã”. Já se encontram no manuscrito de Stirner não só traços da decisão de separar a crítica dos “socialistas verdadeiros” para o segundo volume da revista trimestral, mas também a decisão de começar o primeiro volume com a apresentação da concepção materialista de história e com a crítica a Feuerbach – tais decisões estavam intimamente ligadas com a dinâmica própria da crítica a Stirner.

Essa conexão pode ser vista no segundo texto da presente seleção (p. 37-43). Trata-se de um texto escrito originalmente no debate com Stirner, antes de ser designado pelos autores para o capítulo “I. Feuerbach”. O texto em questão foi retirado de uma seção na qual Marx e Engels debatiam criticamente a concepção de Stirner acerca do poder das ideias e dos pensamentos. A essa concepção, apreendida por Stirner no conceito de “hierarquia”, foi concedida uma posição central em sua abordagem, já que Stirner considerava que a libertação dos indivíduos da heteronomia (*Fremdbestimmung*) só se tornava possível por meio da libertação do indivíduo do poder das ideias. Dado esse pano de fundo, Marx e Engels viram a ocasião de acrescentar suas próprias reflexões sobre a conexão entre as estruturas de poder intelectual e material. Na sequência eles decidiram por uma quase redução total do primeiro ao segundo. Contudo, o presente texto é significativo não somente como a primeira formulação desse aspecto fundamental da concepção materialista de história, mas também porque Marx e Engels, ao elaborarem esse aspecto, desenvolvem pela primeira vez um conceito central de seu pro-

jeto: ideologia. Não é portanto coincidência que Marx e Engels considerassem o presente texto tão importante a ponto de realocá-lo da crítica de Stirner para o primeiro capítulo do primeiro volume da revista trimestral. De modo similar ao primeiro texto, a versão final apresentada nesta seleção não contém algumas passagens que foram realocadas por Marx e Engels de volta ao seu contexto original na crítica de Stirner e foram apagadas do manuscrito aqui apresentado.

O recém descrito abandono temporário da polêmica que, de resto, marcava o debate com Stirner, em favor de uma formulação detalhada de suas próprias posições, não representa um caso isolado na crítica de Stirner. Repetidas vezes Marx e Engels interrompem sua crítica conduzida de modo detalhado com episódios tanto curtos quanto longos, nos quais eles tratavam os temas trazidos por Stirner a partir de sua própria perspectiva. A maioria desses episódios não foram, contudo, desmembrados do capítulo “III. São Max”. A coleção de passagens que segue o segundo texto (p. 44-59) ilustra esse estado de coisas e deve chamar a atenção para passagens que não são menos iluminadoras do que aquelas discussões na seleção de texto incluídas no capítulo “I. Feuerbach” – de fato, ela às vezes é ainda mais iluminadora. Além disso, deve-se notar que as passagens reunidas aqui foram escritas posteriormente – e muitas vezes contêm posicionamentos mais desenvolvidos – do que o estrato fundamental dos dois primeiros textos desta seleção (p. 3-43).

Na primeira passagem selecionada (p. 44-47) Marx e Engels refletem sobre a recente história alemã e assim desenvolvem os fundamentos da concepção que eles vão passar a defen-

der, nomeadamente de que na Alemanha era necessário primeiro uma revolução burguesa antes de ser possível considerar bem-sucedida uma revolução proletária. A segunda passagem (p. 47-50) é de interesse não apenas pelo fato de que Marx e Engels tomam uma posição no debate entre Stirner e Feuerbach. Adicionalmente, eles descrevem os problemas contemporâneos em relação aos “teóricos alemães” (*deutscher Theoretiker*) e, neste contexto, também externam sua própria abordagem, que é caracterizada assim: uma “visão de mundo que é materialista, não desprovida de pressupostos, mas que observa empiricamente os pressupostos materiais efetivos como tais e, por esta razão, é a única visão de mundo efetivamente crítica” (p. 49, “*materialistische, nicht voraussetzungslose, sondern die wirklichen materiellen Voraussetzungen als solche empirisch beobachtende & darum erst wirklich kritische Anschauung der Welt*”). Em vista do fato de que o conceito de “concepção materialista de história” não ocorre nos manuscritos, provavelmente essa caracterização expressa da melhor forma a autocompreensão de ambos autores. As passagens seguintes desenvolvem temas tais como a contradição entre interesse pessoal e interesse coletivo (*allgemeinen*) (p. 50-53), as consequências da oposição entre “forma de intercâmbio normal” (*normaler Verkehrsform*) e “avanço das forças produtivas” para a “consciência correspondente” à forma de intercâmbio (p. 56-57), e a questão se o direito tem sua base no “poder” ou na “vontade” (p. 57-59). Além disso, duas passagens documentam estratégias argumentativas que Marx e Engels voltaram contra Stirner, tais como a referência à limitada experiência de mundo de um “mestre-escola local berlinense” e acusam Stirner de transformar

“colisões práticas” em “colisões ideais”, isto é, em meras representações às quais seria suficiente somente “renunciar” (*aufgeben*).

Após essa coleção de passagens do capítulo sobre Stirner, “III. São Max”, encontra-se o segundo texto desta seleção, cuja origem é o debate com Stirner, e que foi movido para ser usado na redação do capítulo “I. Feuerbach” (p. 60-111). Este texto é de interesse para a estrutura geral do projeto da “Ideologia alemã”, uma vez que foi durante a redação da sua própria apresentação da história da propriedade privada, que se encontra no começo do presente texto, que Marx e Engels decidiram começar o primeiro volume da revista trimestral com uma apresentação geral de sua concepção de história e com uma crítica a Feuerbach. Em vista deste objetivo, eles destacaram a versão aqui apresentada da história da propriedade privada do capítulo “III. São Max” antes mesmo de sua finalização. Após decidir escrever um capítulo “I. Feuerbach”, eles expandiram a história da propriedade privada, que já haviam começado a escrever, ao adicionar mais elaborações fragmentárias dos diferentes aspectos da concepção materialista de história. Assim como essas tentativas de uma apresentação do desenvolvimento da propriedade privada adequada às demandas de sua concepção de história, o texto aqui apresentado é significativo, pois nele encontramos as primeiras ocorrências de um conceito central da construção teórica de Marx e Engels em seu estrato fundamental: pequena burguesia (p. 73). Conforme documenta essa concentração em reconstruir o contexto de desenvolvimento histórico, a exposição de sua própria concepção de história no capítulo “I. Feuerbach” iria ocupar

um grande espaço. Contudo, tentativas de uma crítica a Feuerbach não podem ser encontradas no texto apresentado.

Trata-se de algo de alguma importância o fato de que, após decidirem por um capítulo “I. Feuerbach”, Marx e Engels não se voltaram imediatamente para a redação desse capítulo; ao contrário, eles completaram primeiro o capítulo “III. São Max”, que foi, deste modo, o primeiro dos manuscritos da “Ideologia alemã” a estar pronto para publicação. A seleção de passagens de texto do debate com Stirner é concluída com uma segunda reunião de pedaços (p. 112-121) originários da fase tardia de trabalho no capítulo “III. São Max”. Nas três passagens, escritas todas após a decisão em favor de um capítulo “I. Feuerbach”, Marx e Engels tratam, primeiro, dos fundamentos teóricos e práticos da “teoria da utilidade e da exploração” defendida por Stirner (p. 112-117). Segundo, eles se dedicam à consideração das diferenças de classe em oposição à “filosofia da fruição (*Genusses*)” propagada indiscriminadamente por Stirner (p. 117-118). A terceira passagem (p. 118-121) é, finalmente, de particular interesse pois Marx e Engels aqui mais uma vez formulam pensamentos centrais de uma forma mais desenvolvida e frequentemente incluem referências cruzadas ao capítulo “I. Feuerbach”, que estava ainda no estágio de planejamento (p. 120-121). A passagem permite, assim, uma representação dos objetos temáticos que se pretendia tratar no capítulo inicial da revista trimestral, e poderia ser lida, neste ponto, como um esboço do estágio de desenvolvimento da concepção materialista de história daquela época.

A versão definitiva do “socialismo verdadeiro” (*Der wahre Sozialismus*, p. 122-124) composta entre meados de abril e fim de maio de 1846, forma a introdução que deveria constar no início da crítica do socialismo alemão. Uma vez que o debate com Max Stirner alcançou um tamanho que impossibilitava a publicação de todos os manuscritos da “Ideologia alemã” num único volume da revista trimestral, o debate com o “socialismo verdadeiro” iria aparecer no segundo volume. Após lidar com os jovens hegelianos no primeiro volume, aqui, no segundo, seria a vez da filosofia, historiografia, economia e poesia e prosa do socialismo verdadeiro; também outros autores deveriam contribuir com ensaios, tais como um de Moses Hess criticando Arnold Ruge (“*Dottore Graziano*”) e um artigo sobre a “profecia do socialismo verdadeiro”, assim como, de Roland Daniels, um manuscrito contra curas milagrosas (a isso se refere o termo “doutores milagrosos” – *Wunderdoktoeren* – incluído no manuscrito, p. 124.16). Esses trabalhos de outros autores foram editados por Marx e Engels.

A introdução de Marx e Engels para esse complexo [de textos], que está incluída aqui, resume sua crítica de uma forma incisivamente polêmica, porém em seu conteúdo nuclear essencial isso se expressa de tal forma que essas duas páginas e meia contêm a caracterização mais concisa da “Ideologia alemã”. O socialismo alemão é atacado como uma corrente autorreferencial, filosófica, literária e religiosamente motivada, que se degenerou numa questão “*meramente literária*”, em vez de um “movimento efetivo”: “A ideologia alemã, na qual esses ‘socialista verdadeiros’ estão enredados, não os permite observar a

condição efetiva” (“*Die deutsche Ideologie, in der diese ‚wahren Sozialisten‘ befangen sind erlaubt ihnen nicht, das wirkliche Verhältniß zu betrachten*”). Marx e Engels não abdicaram da crítica exercida aqui contra o socialismo alemão, e posteriormente a retomaram no *Manifesto comunista*, em uma seção própria.

Após terminar as contribuições para a crítica do “socialismo verdadeiro” no fim de maio de 1846, Marx e Engels se voltaram para o trabalho no capítulo ainda não escrito do primeiro volume: “I. Feuerbach”. Um primeiro passo dado por Marx consistia em organizar o material que havia sido acumulado durante o trabalho nos outros capítulos da crítica dos jovens hegelianos. Para este fim, ele juntou num único dossiê as três partes de textos destacadas da crítica de Bauer e Stirner (p. 3-36, 37-43 e 60-111), e forneceu às páginas uma paginação contínua (Ms. p. 1-72, Ms p. 4-7 e 36-39 não foram preservadas). Além disso, na última página numerada (Ms p. 72) e na página seguinte, esta não numerada, ele escreveu algumas reflexões para a redação do capítulo “I. Feuerbach” (p. 125-126). A importância dessas notas não deve ser subestimada, pois contêm uma listagem de aspectos temáticos que Marx gostaria de tratar no capítulo “I. Feuerbach”. Adicionalmente, essas notas são importantes para a história das edições, já que quando da revisão de Engels dos manuscritos da “Ideologia alemã” após o falecimento de Marx em 1883, ele anotou na coluna oposta da direita comentários organizacionais, que foram tomados no século XX como o título do capítulo de Feuerbach (Var 126.15-31).

Os dois fragmentos “3)” (p. 127-130) e “5.” (p. 131-133) foram escritos entre fim de maio e meados de julho de 1846 e pertencem ao contexto de elaboração de um capítulo acerca de Feuerbach, no qual Marx e Engels – após as críticas a Bruno Bauer e Max Stirner – pretendiam formular suas próprias concepções. Trata-se de fragmentos de versões definitivas sobre temas individuais, mas os dois fragmentos oferecidos aqui são os únicos preservados. É significativo que as afirmações escritas no fragmento sobre a “concepção materialista de história” (*materialistischen Geschichtsauffassung*), como Engels posteriormente as nomeou, estão entre as mais desenvolvidas a serem achadas entre os manuscritos da “Ideologia alemã”.

No fragmento “3)” encontra-se uma apresentação das fases históricas fundamentais do desenvolvimento das formas de propriedade e de fatores que determinam esse desenvolvimento, tais como o grau de divisão do trabalho já alcançado em cada caso. Começando com a “propriedade tribal” (*Stammeigenthum*), Marx e Engels descrevem em seis páginas o desenvolvimento de formas de propriedade através da antiga “propriedade comunal e estatal” (*Gemeinde- & Staatseigenthum*) até a “propriedade feudal ou estamental” (*feudalen oder ständischen Eigenthum*) medieval, cuja caracterização toma a maior parte da apresentação. A “propriedade privada” que Marx e Engels determinavam em outros manuscritos como a forma definidora da fase de desenvolvimento contemporânea é aqui tematizada somente na medida em que os pressupostos para seu surgimento são evidenciados nas fases anteriores. A apresentação se encerra com a derivação da forma estatal monárquica a partir das carências da classe domi-

nante da ordem social feudal. Enquanto Marx e Engels nos dois primeiros manuscritos (“III. São Max” e a terceira parte do “dossiê sobre Feuerbach”) compreendiam a “propriedade estatal” como uma variante da “propriedade tribal”, agora eles especificaram essa última como a “primeira forma de propriedade” e a “propriedade comunal e estatal” como a segunda, forma característica do mundo antigo, à qual se seguia então na Idade Média a terceira forma – “propriedade feudal ou estamental”.

O fragmento sem-título “5.” oferece uma apresentação das linhas fundamentais da concepção de história desenvolvida por Marx e Engels no âmbito de trabalho nos manuscritos da “Ideologia alemã”. Nesta apresentação, que toma uma folha (*Bogen*), os dois autores sublinham a dependência “das ideias, das representações e da consciência” (*der Ideen, Vorstellungen, des Bewußtseins*) em relação à “atividade material” e ao “intercâmbio material dos homens” (“*materiellen Thätigkeit*” e “*materiellen Verkehr der Menschen*”) e expressam sua concepção de história ao se distinguir firmemente da “filosofia alemã” e negando que a “moral, a religião e a metafísica e outras ideologias” e suas “formas de consciências correspondentes” teriam uma história independente. Em oposição ao fragmento “3)”, há aqui desenvolvimentos de texto mais extensos, que mostram que Marx e Engels ainda lutavam para chegar a uma apresentação final. Assim, eles operam numa variante (aqui incluída) com a figura da inversão ideológica, que se encontra repetidamente nos manuscritos e posteriormente ressurgiu no “prefácio”. No entanto, eles também externam uma afirmação epigramática sobre seu “modo de considerar” (*Betrachtungsweise*) na frase, que

ficou famosa, “Não é a consciência que determina a vida, mas antes, a vida que determina a consciência” (“*Nicht das Bewußtsein bestimmt das Leben, sondern das Leben bestimmt das Bewußtsein*”) e tiram a severa conclusão – que foi pouco notada pela recepção: “A filosofia autônoma perde com a apresentação da efetividade seu meio de existência”. (p. 132, “*Die selbstständige Philosophie verliert mit der Darstellung der Wirklichkeit ihr Existenz-medium*”).

De um total de três rascunhos preservados para o começo do capítulo planejado sobre Feuerbach, dois foram incluídos na presente seleção de texto. Com esses rascunhos, escritos entre o começo de junho e meados de julho de 1846, Marx e Engels começaram a realizar sua intenção de unir num único capítulo “I. Feuerbach” tanto seu distanciamento de Ludwig Feuerbach que estava originalmente presente na polêmica contra Bruno Bauer, como o desenvolvimento de seu conceito de história, que havia sido alcançado no quadro da crítica a Max Stirner.

O primeiro rascunho (p. 134-135) começa com um balanço abrangente da filosofia crítica alemã a partir de David Friedrich Strauss até Max Stirner; contudo, não se encontram no texto presente, que se interrompe na quarta página, nenhuma afirmação sobre Feuerbach. Ao contrário, Marx e Engels tematizam a dependência da crítica filosófica alemã para com Hegel, e sua concentração exclusiva na crítica da religião e na falta de reflexão de sua conexão com a efetividade (*Wirklichkeit*) alemã. Também de interesse é a variação de uma das teses “ad Feuerbach”, que Marx escreveu por volta de um ano antes nos “Cadernos de

nota dos anos de 1844-1847” (MEGA IV/3. p. 19-21). Partindo do tema da décima-primeira tese, afirma-se que a exigência dos “ideólogos jovem hegelianos” de “mudar a consciência”, conduz à demanda de “interpretar o que existe de forma diferente, isto é, por meio de uma interpretação diferente reconhecê-lo” (p. 135, “*das Bestehende anders zu interpretieren, d. h. es vermittelt einer andren Interpretation anzuerkennen*”).

Em outro começo do capítulo, não incluído aqui, Marx e Engels tentam começar o capítulo de Feuerbach com uma exposição de sua própria concepção de história. Uma vez que essa estratégia encontrou enormes dificuldades, o rascunho é, então, interrompido após algumas sentenças.

Como consequência, resta um terceiro começo de capítulo (p. 136-137), que é ainda mais enfático e polêmico do que a primeira tentativa. Os “ideólogos alemães” são diretamente atacados e a diferença entre o suposto caráter revolucionário de suas reflexões e sua insignificância factual é sublinhada. Essa diferença é ilustrada por contraste com acontecimentos históricos, como a revolução francesa ou as lutas dos Diáconos. Enquanto eles continuam a identificar a adoção de certos aspectos da filosofia hegeliana como o fundamento da produtividade literária daqueles que eles criticam, Marx e Engels falam agora de modo mais drástico de um “processo de decaimento do sistema hegeliano” ou do “processo de apodrecimento do espírito absoluto” (“*Verwesungsprozeß des Hegelschen Systems*” e “*Verfaulungsprozeß des absoluten Geistes*”). Por fim, são notáveis as metáforas econômicas que retratam os “industriais filosóficos”, sua “concorrência” e sua falência no “mercado mundial”, assim como a

anúnciação da intenção de “ver o espetáculo inteiro pelo menos uma vez do ponto de vista de fora da Alemanha”.

O rascunho de um “prefácio” (p. 138) escrito entre julho e dezembro de 1846 é o penúltimo manuscrito redigido para a “Ideologia alemã”. A redação se seguiu após o fracasso em julho de 1846 do projeto de uma revista trimestral e deveria abrir o volume duplo da edição da “Ideologia alemã” de Marx e Engels. O fato de que os três primeiros parágrafos são claramente legíveis, com praticamente poucas variações textuais e de que Marx evitou apagar palavras, algo usual em rascunhos, argumenta a favor da intenção de Marx de elaborar uma versão definitiva. No decorrer de sua elaboração, o manuscrito adquire crescentemente o caráter de um rascunho, com variantes e rasuras de palavras e, ao fim, o texto nas páginas 2 e 3 está completamente apagado (veja as variantes no apêndice).

Assim, aqui também se encontra a situação típica do todo do projeto da “Ideologia alemã”, no qual não há nenhuma elaboração final dos aspectos temáticos fundamentais do projeto. Não há uma crítica completa de Feuerbach, muito menos uma fundação sistemática da filosofia do materialismo histórico – como a recepção posteriormente afirmou (e sugerida por compilações de textos). Os manuscritos comprovam o afastamento programático da filosofia em favor da “ciência positiva efetiva” (*wirklichen positive Wissenschaft*), isto é, ciência natural, história e economia, de um lado, e do comunismo como movimento. Todavia, Marx e

Engels abdicaram de uma formulação de sua posição numa forma pronta para impressão dadas as chances remotas de publicação. Contudo, o intenso um ano e meio de debate conduzido com seus contemporâneos presos na “Ideologia alemã”, a despeito de fracasso de todas as tentativas de publicação dos manuscritos, não deixou de produzir consequências. Por um lado, isto está refletido no *Manifesto do Partido Comunista*, que apareceu alguns meses após o abandono final dos planos de publicação e no qual diversas passagens dos manuscritos de “Feuerbach” (veja, por exemplo, p. 37.3-5, 78.25-33 e 79.11-12) e da crítica do socialismo alemão ressurgem. Por outro lado, o fato de que Marx e Engels, na sequência, não fizeram mais nenhuma tentativa de apresentar ao público sua concepção materialista de história numa forma sistemática mostra que o debate intensivo com a “Ideologia alemã” foi certamente bem-sucedido a respeito da formulação de Marx de ter alcançado a “autocompreensão”. Com a presente seleção de manuscritos em ordem cronológica esse processo bem-sucedido de “autocompreensão” pode ser agora acompanhado pelos leitores de hoje.

Publicado em 28/09/2019

Original: HUBMANN, G., PAGEL, U. “Einführung”. In: MARX, K., ENGELS, F. *Deutsche Ideologie. Zur Kritik der Philosophie. Manuskripte in chronologischer Anordnung* (ed. G. Hubmann, U. Pagel). Berlin: Walter de Gruyter, 2018.

Agradecimentos: *Aproveito para agradecer o enorme trabalho de revisão empreendido por Lutti Mira e o apoio técnico de Anisha Vetter, docente de língua alemã do Centro de Ensino de Línguas da Universidade Estadual de Campinas (CEL/Unicamp), ao dirimir dúvidas sobre algumas passagens mais obscuras em alemão. São também inestimáveis as contribuições que recebemos, o revisor Lutti Mira e eu, durante o debate dessa tradução no grupo de estudos sob supervisão do Prof. Dr. Ricardo Terra. Gostaria particularmente de agradecer as e os participantes deste grupo nas pessoas do Prof. Dr. Ricardo Terra, Adriana Matos, Beatriz Chaves, Fernando Del Lama, Juliano Bonamigo, Luciano Rolim, Marcia Cardoso. Quaisquer equívocos e erros são, contudo, de minha responsabilidade. Não posso deixar de registrar o apoio do Prof. Dr. Marcos Nobre ao longo da minha pesquisa sobre a Ideologia alemã. É importante mencionar que essa tradução foi feita durante minha pesquisa de doutorado financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) em convênio com Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), processo no. 2017/01178-9, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Registro também que as opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de minha responsabilidade e não necessariamente refletem a visão da FAPESP e da CAPES.*

Nota do tradutor

Há algum tempo vem ganhando corpo uma nova recepção da *Ideologia alemã* (1845-6) de Karl Marx e Friedrich Engels. Os primeiros movimentos dessa nova recepção podem ser encontrados na publicação da correspondência Marx-Engels do período 1845-1846 e, principalmente, na análise dessa correspondência empreendida por Galina Golowina¹ (originalmente em russo) publicada na tradução em alemão no *Marx-Engels-Jahrbuch* de número 3 de 1980. Em seguida, para nomear apenas um autor, surgiram os inúmeros trabalhos de Terrell Carver acerca do projeto *Ideologia alemã*.

Alguns anos depois, a tradição marxista finalmente teve acesso ao capítulo “I. Feuerbach” na forma fidedigna, publicado no *Marx-Engels-Jahrbuch* em 2003. Em seguida, somente em novembro de 2017, tivemos acesso ao monstruoso trabalho de reconstrução de todo o projeto *Ideologia alemã* presente na edição crítica *Deutsche Ideologie – Manuskripte und Drucke (Ideologia alemã – Manuscritos e impressões)* no âmbito da nova MEGA² (MEGA² I/5, trata-se de *Marx-Engels Gesamtausgabe*, a edição completa das obras de Marx e Engels), sob a responsabilidade de Ulrich Pagel, Gerald Hubmann e Christine Weckwerth. Em julho de 2018, os editores Pagel e Hubmann decidem publicar mais uma versão do projeto *Ideologia alemã*, só que agora editando parte dos manuscritos em ordem cronológica (uma vez que os

¹ GOLOWINA, G. “Das Projekt der Vierteljahrsschrift von 1845/1846. Zu den ursprünglichen Publikationsplänen der Manuskripte der ‘Deutschen Ideologie’”. *Marx-Engels-Jahrbuch* 3, p. 260-274, 1980.

² MARX, K., ENGELS, F. *Deutsche Ideologie. Manuskripte und Drucke* (ed. U. Pagel, G. Hubmann, C. Weckwerth). Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2017 (MEGA² I/5).

manuscritos editados na MEGA² I/5 foram apresentados em uma forma *lógica*) sob o título de *Deutsche Ideologie – Zur Kritik der Philosophie – Manuskripte in chronologischer Anordnung (Ideologia alemã – Para a crítica da filosofia – Manuscritos em ordem cronológica)*.³

Na edição em ordem cronológica, Pagel e Hubmann publicaram uma *introdução editorial* tanto em alemão quanto em inglês, na qual eles apresentam um resumo dos resultados atuais em relação aos manuscritos do projeto da *Ideologia alemã*. Dentre outras coisas, hoje sabemos que o capítulo “I. Feuerbach” foi construído editorialmente e que os manuscritos publicados postumamente como o livro *Ideologia alemã* foram escritos, antes, para uma revista trimestral a ser fundada por Marx e Engels com a contribuição de outros autores. Somente após o fracasso desta empreitada é que Marx e Engels cogitaram lançar alguns dos textos no formato de um livro em volume único ou duplo, cujo provável título seria *Ideologia alemã*; observa-se que esse título não aparece em nenhum dos manuscritos. Adicionalmente, o título da planejada revista trimestral é desconhecido. Cabe também ressaltar que os conceitos marxistas de *ideologia* e de *história* são frutos do embate com Stirner e Bauer; não são, portanto, pontos de partida da crítica aos jovens hegelianos.

Diante dessa quantidade incrível de novas informações e materiais referentes à obra de 1845-46, decidi traduzir presente-

³ MARX, K., ENGELS, F. *Deutsche Ideologie. Zur Kritik der Philosophie. Manuskripte in chronologischer Anordnung* (ed. G. Hubmann, U. Pagel). Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2018.

mente a *Introdução* em alemão⁴ da edição em ordem cronológica, cotejando-a com a versão em inglês.⁵ Espero, com isso, facilitar o acesso aos leitores e às leitoras ao debate atual acerca do projeto *Ideologia alemã*.

Por fim, gostaria de avisar que as páginas citadas e as seleções de textos mencionadas na tradução se referem às páginas do livro em ordem cronológica da *Ideologia alemã*. Para facilitar o entendimento do conjunto de textos editados, forneço abaixo o índice do livro:

- Einführung VII
- Introduction XIX
- Karl Marx/Friedrich Engels [Aus den Manuskripten zur Deutschen Ideologie]
 - [Konvolut zu Feuerbach Ms-S. 1-29. Frühe Fassung einer Bauer-Kritik] 3
 - [Konvolut zu Feuerbach Ms-S. 30-35. Ausgliederung aus III. Sankt Max. D. Die Hierarchie] 37
 - [Auszüge aus:] III. Sankt Max 44
 - [Konvolut zu Feuerbach Ms-S. 40-72. Ausgliederung aus III. Sankt Max und Sammlung von Fragmenten] 60

⁴ HUBMANN, G., PAGEL, U. "Einführung". In: MARX, K., ENGELS, F. *Deutsche Ideologie. Zur Kritik der Philosophie. Manuskripte in chronologischer Anordnung* (ed. G. Hubmann, U. Pagel). Berlin: Walter de Gruyter, 2018.

⁵ HUBMANN, G., PAGEL, U. "Introduction". In: MARX, K., ENGELS, F. *Deutsche Ideologie. Zur Kritik der Philosophie. Manuskripte in chronologischer Anordnung* (ed. G. Hubmann, U. Pagel). Berlin: Walter de Gruyter, 2018.

- [Auszüge aus:] III. Sankt Max 112
- Der wahre Sozialismus [Einleitung] 122
- [Konvolut zu Feuerbach Ms-S. 72/[73]. Schlussteil (Notizen von Marx)] 125
- 3) [Fragment] 127
- 5. [Fragment] 131
- I. Feuerbach. A. Die Ideologie überhaupt... [Entwurf 1. Kapitel-anfang] 134
- I. Feuerbach. [Entwurf 3. Kapitelantang] 136
- Vorrede [Entwurf] 138
- Textvarianten (Auswahl) 139
- Editorische Notiz und diakritische Zeichen 148